

PSICANÁLISE

Vanessa Chreim

# Dimensões da Recusa

**Blucher**

# DIMENSÕES DA RECUSA

Vanessa Chreim

*Dimensões da Recusa*

© 2021 Vanessa Chreim

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim

*Produção editorial* Lidiane Gonçalves

*Preparação de texto* Ricardo Souza

*Revisão de texto* Bárbara Waida

*Imagem da capa* iStockphoto

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Chreim, Vanessa

*Dimensões da Recusa / Vanessa Chreim.* – São Paulo : Blucher, 2021.

352 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-155-0 (impresso)

ISBN 978-65-5506-156-7 (eletrônico)

1. Psicanálise. 2. Recusa (Psicanálise).

I. Título.

·

21-3411

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Agradecimentos	9
Prefácio	13
Por que a Recusa?	21
1. A Recusa em Freud e o modelo do fetichismo	37
2. A Recusa e as vicissitudes do narcisismo	73
3. A Recusa e a crença na mãe fálica	91
4. Recusa e <i>Unheimliche</i> : a inquietante estranheza	111
5. A Recusa na perversão	131
6. A Recusa e o desmentido	157
7. A Recusa primária e o trauma de Eros	193
8. Objeto fetiche e objeto transicional	223
9. A Recusa da utopia e o paciente sem esperança	259
10. O analista, a Recusa e o enquadre	287

11. Pandemia de Recusas	313
<i>Vanessa Chreim e Fernanda Fazzio</i>	
Referências	337

# 1. A Recusa em Freud e o modelo do fetichismo<sup>1</sup>

## *Recusa e sexualidade infantil*

Embora a noção de Recusa esteja presente nos textos de Freud desde 1905, foi mais tarde que o autor começou a usar o termo *Verleugnung* para designar esse fenômeno. No início, a Recusa se referia à não admissão da castração, entretanto, nos últimos

---

1 Este capítulo deriva de outros textos de minha autoria, dentre eles minha dissertação de mestrado *Dimensões da Recusa: crença, trauma e clínica* (2019b), realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e minha monografia de conclusão do curso Formação em Psicanálise, do Instituto Sedes Sapientiae, intitulada *Um estudo sobre a Recusa (Verleugnung)* (2019a), e também reproduz ideias abordadas no artigo “A Recusa e as crenças: a dimensão narcísica da não admissão da castração” (CHREIM; CINTRA, 2020) publicado na revista *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, e no capítulo “A Recusa e a transmissão do impensável” (CHREIM; CINTRA, 2019), do livro *Sonhos privados: psicanálise e escuta contemporânea – Parte 2*.

textos escritos por Freud antes de seu falecimento – *Compêndio de psicanálise* (1940[1938]a) e *A cisão do Eu do processo de defesa* (1940[1938]b) –, o conceito se tornou mais complexo e passou a envolver a relação do psiquismo com a realidade.

O termo *Verleugnung* desponta na obra de Freud no texto *A organização genital infantil* (1923b), no qual o autor procura incorporar à teoria as diversas notas de rodapé de seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Logo no início do texto de 1923, o autor destaca que aquilo que diferencia a sexualidade genital adulta da infantil é a fantasia do primado do falo. Embora tenha constatado que homens e mulheres são diferentes, a criança não relaciona esse fato aos genitais, pois não concebe ainda a ideia de dois órgãos genitais distintos (um masculino e um feminino). Pelo contrário, supõe que todos têm um órgão genital sensível e interessante como o seu; o Pequeno Hans (FREUD, 1909), por exemplo, atribuiu falo aos cavalos e inclusive a objetos inanimados, como os trens.

Por que Freud fala de primado do falo, e não do pênis? Porque, apesar de a suposição da criança se referir ao órgão masculino, o que está em questão nesta fantasia infantil é o valor narcísico investido no pênis. Ou seja, é a dimensão fálica que está em jogo, sinônimo de poder, onipotência, completude. Essa forma de interpretar o mundo é uma expressão de como a criança teoriza a sexualidade a partir de sua própria vida pulsional. Na descrição de Freud, o pênis é o depositário dessa crença, mas na clínica psicanalítica contemporânea observamos como outras características também servem de suporte para a fantasia infantil de castração, como diferenças étnico-raciais, culturais, políticas, etárias, estéticas, entre tantas outras, desde que tenham valor narcísico agregado.

No texto de 1923, Freud adota a perspectiva de um menino para explorar o tema da descoberta da diferença anatômica entre os sexos, e o autor reconhece que pouco se conhecia desses processos psíquicos nas meninas. Segundo Freud, quando o menino vê o órgão genital feminino em uma mulher ou menina, ele não interpreta que está vendo uma vagina, mas se surpreende com a falta daquele órgão que supunha encontrar, aquele igual ao seu.

*Sabe-se como reagem às primeiras impressões da ausência de pênis. Eles recusam<sup>2</sup> essa ausência, acreditam ver um membro, atenuam a contradição entre o que viram e o que esperavam, mediante a evasiva de que ele é ainda pequeno e crescerá, e aos poucos chegam à conclusão emocionalmente significativa de que no mínimo ele estava presente e depois foi retirado. A ausência de pênis é vista como resultado de uma castração, e o menino se acha ante a tarefa de lidar com a castração em relação a ele próprio. (FREUD, 1923b, p. 173)*

A princípio, o menino não dá crédito àquilo que viu, por ação da Recusa; só depois ele conclui que, se a menina não tem pênis, é porque foi castrada. Vemos, assim, a relação entre percepção, fantasia e representação: apesar da visão da vagina, o significado dado a esse percepto depende das representações já existentes no psiquismo. Ou seja, a fantasia de castração é derivada da crença no primado do falo.

No entanto, cada descoberta demanda uma reinterpretação das experiências vividas, de modo que a constatação da ausência do pênis requer que a criança reveja suas teorias sobre o mundo.

---

2 Segundo Paulo César de Souza, o termo original é *leugnen*, derivado de *Verleugnung*.



Começará primeiro por supor que algumas mulheres sofreram o castigo de castração: tinham um pênis, mas perderam porque foram punidas. Mas sabemos que nem no corpo do menino nem no da menina falta um órgão sexual; na verdade, a criança sente falta de algo que lhe restitua a experiência de plenitude e deposita essa falta no contraste entre o que vê e o que esperava encontrar. Reformulando suas teorias sexuais infantis, a criança poderá chegar à conclusão posterior de que se trata, na realidade, de dois órgãos genitais diferentes.

Segundo Freud, o menino não concebe que todas as mulheres são castradas porque “Já é um obstáculo para isso a sua suposição de que a ausência de pênis na mulher seria uma consequência do castigo de castração” (FREUD, 1923b, p. 174). Isso significa que, por si só, já é muito custoso imaginar que se possa perder o tão estimado falo, quanto mais presumir que todas as mulheres o perderam.

O menino supõe que não são todas as mulheres que sofreram a castração: apenas as indignas, que cederam aos impulsos indevidos. A mãe é a última a ser enquadrada em tal hipótese, de modo que a crença de que ela possui um pênis persiste por muito tempo até ser abandonada, o que implica manter a mãe<sup>3</sup> em um lugar todo-poderoso, a quem nada falta. Segundo Freud, é a partir da investigação do nascimento e da descoberta de que somente as mulheres engravidam que a criança generaliza para todas as mulheres seu achado sobre a ausência de pênis. Porém, o autor ressalta que, apesar da equivalência simbólica fálica que se processa entre pênis e filhos, as mulheres continuam sendo castradas na fantasia infantil, pois o genital feminino ainda não foi descoberto como a presença

---

3 Embora Freud se refira à mãe especificamente, consideramos que esta função possa ser exercida por outro cuidador, de modo que a fantasia da criança de onipotência materna pode se referir a qualquer pessoa que ocupe este lugar.

de algo diferente – a vagina – e continua por representar a falta de pênis. Isso é o que caracteriza a organização genital infantil, a oposição entre fálico e castrado. Portanto, no texto *A organização genital infantil* (1923b), a Recusa diz respeito a uma reação infantil inicial diante da visão do genital feminino, evitando a chegada a conclusões afetivas impactantes.

Já no texto *A dissolução do complexo de Édipo* (1924a), o termo *Verleugnung* não aparece, embora seu sentido se faça presente quando Freud afirma que o menino não acredita na ameaça de castração que recebe, nem cede a ela. Mas a importância de dar crédito a essa ameaça é que ela circunscreve a criança em um discurso que determina o que se espera dela e que lugar no desejo de seus pais ela ocupa – e que anuncia a possibilidade de uma perda de amor. Tal ameaça não precisa ser de mutilação ao genital estriamente, pois todos os discursos, as advertências, as proibições e os elogios à criança fazem alusão a esse lugar afetivo que ela ocupa no âmbito familiar, bem como todas as feridas e as injúrias ao narcisismo: são palavras e gestos depreciativos e desaprovações que apontam para a diminuição do valor de si aos olhos do outro.

Por sua vez, em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925a), o termo *Verleugnung* aparece novamente; todavia, nesse texto, Freud começa a conceituar a diferença entre o Complexo de Édipo feminino e o masculino, que ainda não havia sido aprofundada no texto de 1924. Nas meninas, o Complexo de Castração introduz o Complexo de Édipo, enquanto nos meninos, leva-o a uma conclusão. Embora Freud mencione a Recusa como reação possível ante a descoberta da diferença anatômica genital tanto para meninos como para meninas, as descrições e as manifestações são diferentes.

Freud afirma que a menina vê o genital do menino e logo lhe atribui superioridade em comparação com o próprio órgão genital,

o que gerará a inveja do pênis. Nas palavras do autor, “Ela viu, sabe que não tem e quer ter” (FREUD, 1925a, p. 291), mas a menina também poderia ter outras reações. Uma delas seria alimentar a esperança de que seu órgão ainda crescerá e ela terá um pênis, o que Freud denominou “Complexo de Masculinidade”.<sup>4</sup> Essa reação é diferente da ideia que o menino faz sobre a menina, de que ela recebeu um castigo, e também não é igual à reação da menina que sente inveja do pênis, pois essa última presume que não o recebeu. E então Freud (1925a) afirma:

*Ou surge o processo que eu designaria como “recusa”, que na vida psíquica da criança parece não ser raro nem muito perigoso, mas que no adulto daria início a uma psicose.<sup>5</sup> A menina se recusa<sup>6</sup> a admitir o fato de sua castração, aferra-se à convicção de que possui um pênis, e se vê compelida, subseqüentemente, a agir como se fosse um homem. (p. 291)*

Assim, se na menina o efeito da Recusa é a identificação com o masculino, o que esse mecanismo procura evitar é uma ferida narcísica resultante da depreciação do feminino, castrado. Portanto, a Recusa na menina também diz respeito à não admissão da diferença genital entre os sexos, como no menino. Freud aponta que a persistência da masturbação clitoriana representa a insistência em

---

4 A relação entre Complexo de Masculinidade e Recusa tem sido alvo de importantes debates envolvendo a noção de feminilidade, interrogando a obra de Freud e atualizando estas questões. O importante aqui é considerar que a crença de que o pênis crescerá revela uma forma de não admissão da diferença sexual.

5 Penot (1992) afirma que, ao longo da obra de Freud, não é clara a diferença conceitual entre *Verleugnung* e *Verwerfung*.

6 Segundo Paulo César de Souza, o termo original aqui é *Verweigert*, mas o sentido é de *Verleugnung*.

atribuir valor fálico ao clitóris, e que admitir a castração implicaria o sentimento de inferioridade para ela. Assim, na menina também persiste a fantasia de primado do atributo fálico, que articula a fantasia de inferioridade de quem não o possui.

*Eis um interessante contraste no comportamento dos dois sexos: na situação análoga, quando o garoto avista pela primeira vez a região genital da menina, ele se mostra inicialmente indeciso, pouco interessado; ele nada vê, ou recusa<sup>7</sup> sua percepção, enfraquece-a, busca expedientes para harmonizá-la com sua expectativa. Somente depois, quando uma ameaça de castração teve influência sobre ele, tal observação lhe será significativa; sua recordação ou renovação suscita nele uma terrível tempestade de afetos e o força a crer na realidade da ameaça até então desdenhada. (FREUD, 1925a, p. 290)*

Neste texto, notamos que a admissão da castração é um processo que envolve diferentes tempos, em uma conjunção da visão da ausência de pênis e da ameaça de castração, que tem influência sobre o menino *après-coup*, como uma operação psíquica que liga os dois eventos. Mas, em um primeiro momento, há a descrença na ameaça e, mesmo diante da evidência da ausência de pênis, há o movimento que busca enfraquecer os efeitos dessa percepção, ao qual o autor se referiu pelo termo “recusa”.

É apenas em outra etapa – quando um fato se relaciona com o outro – que as consequências psíquicas se processam plenamente. A visão do genital da menina relaciona a percepção a uma conclusão: a da legitimidade da ameaça de castração à qual o menino não

---

7 Segundo Paulo César de Souza, o termo original aqui é *Verleugnet*.

deu crédito. Se as meninas foram punidas, ele também pode ser punido. Desse modo, a fantasia do primado do falo faz com que os meninos, ao descobrirem a ausência do pênis na mulher, deduzam a castração feminina como um castigo consumado. A manutenção dessa crença é a responsável pela fantasia da inferioridade feminina, em que o menino a considera uma “criatura mutilada” ou triunfa sobre ela, menosprezando-a. Para Freud, a castração é o que a criança deduz da diferença anatômica entre os sexos, mas o autor não leva em conta que essa concepção fomenta a depreciação do feminino tanto aos olhos do menino quanto da menina.

Por sua vez, a Recusa impede que o menino chegue à conclusão de que a ameaça de castração é verdadeira e, na menina, impede a conclusão de que ela foi consumada. Assim, tanto para o menino como para a menina, a principal característica da Recusa é interromper a marcha dessas engrenagens que relacionam percepções e representações e paralisam a possibilidade de se chegar a conclusões. Esse mecanismo conserva as convicções e a criança não acredita naquilo que vê, e que anuncia importantes consequências psíquicas em relação à dimensão faltante do ser humano.

É o atravessamento do Complexo de Édipo<sup>8</sup> que traz esta tarefa de elaboração simbólica em torno da falta, em que a vagina deixará de representar a ausência de pênis e será concebida como uma presença de um outro órgão: o feminino. A Recusa, por sua vez, não permitirá a descoberta da feminilidade como outro sexo, como suporte da diferença e de um gozo não fálico.

---

8 Esta é uma leitura dos autores pós-freudianos sobre o Complexo de Édipo.

## *As consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*

Para além da anatomia, a cena descrita por Freud quanto à descoberta da ausência de pênis na mulher é subjetivamente atravessada por muitas outras diferenças, condensando valiosos aspectos metafóricos da desilusão que acontece desde o começo da vida, com o movimento de presença-ausência da mãe, do seio, de um objeto de satisfação plena. A descoberta descortina para a criança diversos aspectos da castração<sup>9</sup> e demanda-lhe admiti-los e elaborá-los emocionalmente.

Ao discorrer sobre a perversão, Clavreul (1990) permite um olhar renovado à cena da descoberta das diferenças anatômicas entre os sexos, destacando as consequências psíquicas que dizem respeito à mudança de posição subjetiva da criança nessa passagem emblemática. O que causa tanto horror na descoberta da castração e do que se trata esta tempestade de afetos suscitada pela visão da vagina, petrificante como a visão da medusa? Clavreul destaca que, na cena mítica da descoberta da ausência de pênis da mulher, a criança não é pega de surpresa por uma visão inesperada, mas, pelo contrário, é guiada pelo desejo de ver e de saber, embora o ignorasse. É a posteriori que a descoberta é reinterpretada pela criança como uma flagrante consequência de seu desejo e de sua falta de saber, constatando que não era onisciente como supunha. Nesse sentido, a experiência de realizar uma descoberta implica a admissão da própria castração, ou seja, daquilo que não temos, não sabemos e que pode ser muito diferente do que imaginamos.

O autor considera que, para Freud, o verdadeiro centro do Complexo de Castração é o saber sobre a ausência de pênis.

---

9 Na apresentação do livro, abordei a necessidade de atualizar o conceito de castração.

Segundo Clavreul (1990), descobre-se que o Saber é enganador, uma vez que a posição subjetiva da criança anterior à descoberta repousava em um Saber errôneo, na fantasia do primado do falo. Aquele que admite a castração tem de rever suas teorias sexuais e abarcar a possibilidade de “não saber”. Isso confere um caráter transitório ao Saber, como algo a ser sempre reformulado e jamais absoluto, e é o que permite o processo de conhecimento.

Aulagnier-Spairani (2003) também traz contribuições sobre as consequências psíquicas da descoberta da ausência de pênis na mulher e sobre a Recusa, apontando para a ferida narcísica causada pela admissão da castração. Ela afirma:

*Eis porque o primeiro recurso que o menino terá, face ao perigo que representa para ele dever reconhecer que o objeto do desejo materno está para mais além do seu próprio ser, será recusar que ele possa não ser a representação da totalidade do que ela<sup>10</sup> deseja e do que ela pudesse sentir falta, seja o que for. (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003, p. 49)*

Assim, a descoberta da ausência do pênis materno leva a criança a encarar que a mãe não é completa e autossuficiente: ela também está inserida no campo do desejo, e seu desejo está atrelado ao pai e a outros interesses. Desse modo, a criança é desbancada de sua ilusão de ser o falo da mãe, de ser o único objeto de desejo dela, e contra isso todos nós nos defendemos inicialmente.

*É esta recusa (que faz parte da experiência de todo indivíduo) que será, em um segundo tempo, refutada pelo teste da realidade que confronta o sujeito com*

---

10 A mãe.

*aquilo que ele quer (a descoberta do sexo feminino) e com o que ele adquire como saber, isto é, que existe um mundo do gozo do qual ele está excluído e ao qual a mãe tem acesso somente através do pai. (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003, p. 49)*

As palavras da autora nos permitem vislumbrar o desenho da triangulação que se forma a partir das revelações acerca do desejo da mãe, que demarcam um campo de exclusão da criança quanto ao relacionamento sexual parental, do qual ela é fruto. No entanto, é essa configuração que possibilita que a vagina seja interpretada pela criança como diferença que causa desejo no outro, como um órgão genital que também está investido de valor narcísico, e não como na terrível fantasia de castração, em que é sinônimo de privação, punição ou depreciação.

Clavreul (1990) complementa essa perspectiva, ao considerar que diante da visão da vagina, a criança também descobre que era ignorante em relação a seu objeto de desejo – a mãe – e tem de lidar com o fato de que alguém já sabia sobre isso que ela ignorava – o pai. Nesta articulação, fica marcada a anterioridade do pai em relação ao saber sobre o desejo da mãe. Mas a Recusa busca manter a criança em um lugar de ignorância e onipotência, em que ela não reconhece a mudança subjetiva entre o antes e o depois da descoberta da ausência de pênis na mulher e tampouco admite que não sabia e que desejava saber.

Podemos, então, considerar que a elaboração dessas questões permite a admissão da castração quando é possível transformar o olhar enganado em um campo de ilusão que permeia todos os relacionamentos. Esse campo de ilusão é o que permite a eleição de objetos substitutos, que não preenchem a falta que sentimos de um objeto que ofereça plenitude, mas que oferecem prazer suficiente para serem aceitos como mimeses



imperfeitas nas quais vale a pena investir nossa libido. Isso só é possível pelo trabalho de luto. Explicita-se, assim, uma íntima relação entre a admissão da castração, o campo simbólico e a condição desejante do sujeito.

A leitura de Clavreul (1990) oferece ricos e diversos pontos de vista para considerar que a cena da descoberta das diferenças anatômicas entre os sexos condensa o atravessamento das diferenças em diversas dimensões, todas elas demandando uma transformação do narcisismo. Por exemplo, a diferença de gerações é estabelecida quando a criança se situa em seu lugar na família, fruto do relacionamento dos pais, mas excluída desta conjugalidade.

Encontrar uma vagina no lugar onde se supôs haver um pênis deflagra a diferença entre o que se espera e o que se apresenta, entre o caráter onipotente da fantasia e a frustração inerente à realidade. A possibilidade de admitir outro órgão genital além do pênis demarca a diferença entre a sexualidade infantil e a adulta, entre a suposição do primado do falo e a concepção de que existem dois órgãos genitais diferentes. Portanto, trata-se da possibilidade de se dar conta de que nada falta em nosso corpo, mas que sentimos falta de algo que nos complete narcisicamente.

A admissão da castração também demarca uma diferença nostálgica do tempo da ingenuidade, da ignorância e da ilusão de plenitude narcísica, anterior à descoberta. Ela promove a báscula entre duas posições subjetivas: uma alicerçada no tempo da suposta integridade narcísica e outra assentada no reconhecimento da própria incompletude da condição humana.

Ao se deparar com o fato de que não era o único objeto de desejo da mãe, apresenta-se à criança a alteridade presente em todos os relacionamentos, nos quais nunca sabemos o que somos para o outro. Percebendo-se desejante, a criança se dá conta de sua alteridade em relação a si mesma, aquilo que de si desconhece – o

inconsciente. Portanto, é a relação entre todas essas diferenças que está em jogo na admissão da castração de si e do outro, e é o que enlaça a criança na dimensão da interdependência dos desejos.

Podemos, finalmente, entender que poderosas e penosas consequências psíquicas são geradas a partir da admissão da castração, por um lado abalando o narcisismo infantil e, por outro, efetuando uma importante função organizadora da subjetividade. Por sua vez, a Recusa paralisa as conclusões que a percepção engendra e protege o narcisismo infantil, mas impede esse efeito ordenador e constitutivo que a admissão da castração promove. Todas essas diferenças mencionadas serão alvo da ação da Recusa, não apenas na perversão, mas também em outros quadros clínicos. O Tempo, como grande representante da diferença e da transformação, também será alvo da Recusa, como explora Ferraz (2010). Mesmo a diferença entre um analista e seu analisando estará em jogo na Recusa, atravessando a transferência e o enquadre.

São tantas as transformações e as turbulências causadas pela admissão da castração que podemos compreender por que é traumática a visão da vagina na obra de Freud. Nesse contexto, a Recusa protege o psiquismo de toda essa intensidade, buscando enfraquecer o impacto emocional das experiências quando não se dispõe de recursos para elaborar o excesso de estimulação e tensão, evitando o transbordamento.

Entretanto, é preciso ponderar que a admissão da castração não depende de a criança ter de fato visto outro genital, ou seja, está para além da diferença anatômica: as feridas narcísicas em questão acham-se presentes desde cedo na vida de uma criança, também mediadas pela percepção, pela fantasia e pela relação com o outro. São múltiplas as facetas da castração, mas é preciso discernir que a angústia de castração, especificamente, diz respeito a essas questões da fase fálica. No entanto, isso não implica que a

Recusa atue *apenas* contra a angústia de castração; pelo contrário, ela se manifesta também perante outras angústias, como a de separação.<sup>11</sup>

### *Além do Princípio do Prazer*

Embora tenha meandros e curvas de difícil navegação na metapsicologia, o texto *O problema econômico do masoquismo* (1924d) permite abordar a relação entre vida pulsional, realidade e Recusa, acompanhando as mudanças propostas na segunda tópica.<sup>12</sup> Por meio do conceito de masoquismo erógeno e de sua relação com a fantasia de castração, veremos a ação da Recusa como defesa ante uma demanda da vida pulsional, servindo como um mecanismo de proteção e regulação do aparelho psíquico, mas que pode levar a complicações. Portanto, vamos avançar com cautela entre os eixos do texto.

Embora os termos sadismo e masoquismo sejam com frequência associados a patologias, à perversão e ao fetichismo, neste texto, Freud dá sequência a suas reflexões de *Além do Princípio do Prazer* (1920) considerando os aspectos constitutivos e inevitáveis destas expressões da vida pulsional. Por meio do conceito de masoquismo erógeno, o autor nos fala de um processo fundamental em que a pulsão de vida domina a de morte. Como se dá esse processo? No início da vida, quando o sujeito é tomado como objeto do desejo e do investimento libidinal de alguém, a pulsão de vida se funde

---

11 No capítulo “Objeto fetiche e objeto transicional” são oferecidos diversos exemplos da Recusa como defesa ante a angústia de separação.

12 Em torno de 1920, Freud escreveu diversos textos metapsicológicos propondo alterações no modelo de aparelho psíquico como concebido pela psicanálise, especialmente quanto ao dualismo pulsional entre pulsões de vida e pulsões de morte. Isso é o que chamamos de segunda tópica.

com a pulsão de morte do psiquismo incipiente, direcionando-a a objetos externos. O autor propõe que os ataques ao objeto (sadismo) são uma forma de deflexão da pulsão de morte; porém, há um resto de pulsão de morte que não realiza essa transposição para fora. Da mesma forma, a pulsão de vida – oriunda do laço com o outro – se liga a esse *quantum* excedente de pulsão de morte em um movimento autoerótico, fazendo com que o sujeito tome a si mesmo como objeto de prazer e de agressividade, o que produz o masoquismo erógeno.

Portanto, sadismo e masoquismo são formas de ligação das pulsões de vida e de morte, mas nem sempre é a primeira que domina a segunda, como explorará Freud ao longo do texto. Por ora, o que nos interessa é observar este movimento do masoquismo erógeno em que o sujeito toma a si mesmo como alvo da pulsão. Isso se expressa na fantasia de “ser objeto de”, portanto, admite na forma passiva o colorido de qualquer faceta pulsional, desde a oralidade (ser comido) até os impulsos genitais (ser castrado). Assim, entendemos o que foi afirmado por Freud (1924c):

*O masoquismo erógeno partilha todas as fases de desenvolvimento da libido, delas tomando as variadas roupagens psíquicas que assume. O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) procede da organização oral primitiva; o desejo de ser surrado pelo pai, da fase sádico-anal que a ela sucede; a castração, embora depois negada,<sup>13</sup> introduz-se no conteúdo das fantasias masoquistas como um precipitado do estágio fálico de organização; as situações em que o indivíduo é possuído ou dá à luz, caracteristicamente femininas, derivam naturalmente da organização genital final. (p. 193)*

---

13 Segundo Paulo César de Souza, o termo original é *Verleugnet*.

Nesse contexto, a fantasia de ser castrado é uma expressão da vida pulsional, no sentido de ser objeto das tendências da fase fálica envolvendo a fantasia de castrar/ser castrado. No processo descrito, o sujeito entra em contato com essas representações de seu mundo interno, antevê as conclusões que elas anunciam e, diante do impacto afetivo de horror, recua assustado. Assim, embora tenha sido alvo da Recusa, a fantasia de castração é primeiramente admitida, mas a defesa busca restabelecer a posição subjetiva anterior a esse choque. No entanto, a criança aqui já descobriu algo sobre seu anseio de ser castrado, penetrado, atingido. Resulta que há uma parte dela que é impactada pela fantasia, e outra que a descredita, defendendo-se. Nos outros textos examinados até então,<sup>14</sup> Freud afirma que a castração é recusada de início para somente depois adquirir influência sobre o psiquismo da criança. Mas a partir desse momento de sua obra, fica claro para o leitor que é justamente a fantasia de castração que põe em marcha a Recusa, o que será explicitado em *O fetichismo* (1927).

Então, agora nos deparamos com o problema econômico envolvendo a Recusa, pois se a fantasia de castração é gerada pela vida pulsional, é contra essas forças que a defesa atuará. Esse é o tema retomado no final de *Compêndio de Psicanálise* (1940[1938]a), em que Freud explicita a função da Recusa como um mecanismo de defesa que regula as tensões do aparelho psíquico, mas que gera sérios efeitos colaterais.

Entre o processo civilizatório e as insaciáveis exigências da vida pulsional, o aparelho psíquico vive em uma tensão constante, tentando manejar um precário equilíbrio, ameaçado por forças do mundo externo e do mundo interno. Esse conflito é perene, mas há circunstâncias em que chega a níveis insuportáveis de tensão,

---

14 Refiro-me a *Organização genital infantil* (1923b) e a *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925a).

e então o Eu se desliga de uma destas fontes de perturbação excessiva. Por meio da Recusa, o psiquismo se defende da origem da dor, mas não tem como fugir do perigo. Como afirma Freud (1940[1938]a):

*não importa o que faça o Eu em seus esforços de defesa, que procure recusar uma parcela do mundo externo real ou rejeitar uma demanda instintual do mundo interior, o êxito jamais é completo, integral; sempre nascem duas atitudes opostas, das quais mesmo a vencida, a mais fraca, leva a complicações psíquicas. (p. 269)*

Assim, a Recusa explícita que a cegueira e a surdez às exigências da vida pulsional podem ser tão perigosas para o aparelho psíquico quanto desconsiderar as ameaças do mundo exterior, porque um psiquismo sem freios tende à descarga imediata e fica à mercê de toda a turbulência da vida pulsional. Sem a ligação com o outro, o psiquismo fechado em si mesmo naufraga em pulsão de morte, pois é dominado pelo Princípio de Nirvana, ou seja, pela tendência a levar as tensões do aparelho psíquico a zero, a retornar ao estado inorgânico, ao desligamento.

Por isso é muito importante a recapitulação que Freud faz em *O problema econômico do masoquismo* (1924d): é incorreto associar o Princípio do Prazer à pulsão de morte, pelo contrário, ele é o guardião da vida, pois impele o psiquismo a buscar ligação, tolerar a tensão e a excitação, também dando vias para a satisfação pulsional. É isto o que o conceito de masoquismo erógeno evidencia: para desafogar o psiquismo da pulsão de morte; é preciso que tenha sido instalado o circuito do prazer de estar ligado ao objeto. Assim, a função do masoquismo erógeno é impelir o sujeito a ser

objeto da pulsão, seja como autoerotismo, seja como posição subjetiva perante o desejo do outro.

Contudo, Freud (1924d) nos alerta que quando o Princípio do Prazer é narcotizado, formam-se outras expressões do masoquismo, que são perigosas. A Recusa é uma das causas dessa perturbação do Princípio do Prazer, em que ele perde o lastro no Princípio de Realidade, dando vez a passagens ao ato, à impulsividade, ao imediatismo e a outras expressões da pulsão de morte. Nesse sentido, a compulsão à repetição é uma manifestação da Recusa retraumatizante, uma vez que envolve expressões pulsionais com pouca mediação do campo simbólico, como descargas energéticas intensas e violentas, em que a tensão do aparelho psíquico transborda. Tal é o caso de Jeanne, paciente de Penot (1992), que tinha orgasmos espontâneos muito constrangedores.

Desse modo, revela-se que a defesa contra o impensável pode tornar o psiquismo cada vez menos apto a pensar. Assistimos, então, a um atrofiamento do aparelho psíquico, cuja capacidade de lidar com cargas afetivas se torna cada vez mais restrita, o que mobilizará defesas contra mudanças e transformações. Em situações graves, a Recusa encaminha o aparelho psíquico para a morte, ainda que o organismo sobreviva.

## *A arquitetura do fetiche*

No texto *O fetichismo* (1927), o termo *Verleugnung* já é de fato um conceito na obra de Freud. As características da Recusa que já estavam presentes nos textos anteriores encontram-se, aqui, organizadas em torno do fenômeno do fetichismo.

Logo de início, deparamo-nos com uma definição essencial: “o fetiche é o substituto do falo da mulher (da mãe), no qual o

menino acreditou e ao qual – sabemos por quê – não deseja renunciar” (FREUD, 1927, p. 304). O menino se recusou a tomar conhecimento de sua percepção, mas não se trata de uma escotomização, termo que faz referência a uma impressão que cai no ponto cego da retina, impermeável à sensorialidade. Na Recusa, a percepção não é apagada, mas há uma importante ação psíquica sobre essas marcas.

Nesse texto, Freud dará destaque à duplicidade de correntes psíquicas opostas e simultâneas que se formam na Recusa. No fetiche, estabelece-se uma atitude dividida, em que o menino conservou a crença na mãe fálica e ao mesmo tempo a abandonou. Assim, o fetiche tenta combinar essas duas afirmações contraditórias por meio de uma articulação complexa. O autor afirma: “Sim, na psique a mulher continua a ter um pênis, mas este pênis já não é o mesmo de antes. Outra coisa ocupou o seu lugar, foi como que nomeada seu substituto e veio a herdar o interesse que antes se dirigia a ele” (FREUD, 1927, p. 305). O que sustenta alguma coerência entre as afirmações “a mãe não tem pênis” e “a mãe não é castrada” é o deslocamento do valor fálico do pênis ao fetiche. Desse modo, pode-se admitir a ausência do pênis materno apenas porque ele não representa mais o falo, cujo valor narcísico foi transferido a outro objeto.

Vejam os. Em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924a), Freud afirma que o Complexo de Édipo estabelece para a criança um conflito entre o interesse narcísico depositado no pênis e os investimentos libidinais dos pais dirigidos a ela. O que está em jogo é a possibilidade de fazer uma renúncia a fim de não perder o amor do outro. Segundo o autor, o menino que atravessa essa elaboração e pode admitir a castração acaba por abrir mão do falo para salvar o pênis: “Todo o processo, por um lado, salvou o genital, afastou dele o perigo da perda, e, por outro lado, paralisou-o, suspendeu



sua função” (FREUD, 1924a, p. 209). Ou seja, ocorre a renúncia à onipotência depositada simbolicamente no órgão genital e, assim, ele é preservado da ameaça. Afinal de contas, o que se pede da criança não é o sacrifício de uma parte de seu corpo, mas que possa transformar seu narcisismo.

Entretanto, não é isso que ocorre no fetichismo, em que o pênis é salvo pelo fetiche, mas não houve a transformação do narcisismo, não houve renúncia pulsional. Na Recusa, o afeto de horror perante a castração feminina não foi transformado, nem o desprezo pelas mulheres, que estarão condensados no fetiche.

A descrição de Freud sobre a formação do fetiche nos serve como chave de compreensão para os fenômenos ligados à Recusa. Ele é composto pela percepção justamente anterior à visão do genital feminino, seguindo o mesmo princípio da detenção da memória na amnésia traumática, interrompendo o processo no meio do caminho. Desse modo, delineamos que a Recusa paralisa os processos psíquicos, buscando conservar a posição subjetiva em que ainda se podia imaginar a mulher como fálica, ou seja, o momento anterior à descoberta da diferença. É justamente este o intuito da Recusa: paralisar o pensamento antes que se chegue a conclusões inadmissíveis. Por isso, o termo “impensável” é muito adequado para se referir ao conteúdo que é alvo da Recusa e que não encontra formas de ser processado pelo psiquismo.

O fetichismo, portanto, está longe de ser apenas uma preferência sexual: ele nos revela um modo de funcionamento psíquico. Isso fica claro quando Freud (1927) relata o caso de dois irmãos que perderam o pai. Não havia um objeto fetiche envolvido, mas um deles desenvolveu esta atitude dividida, típica da Recusa, ante a morte do pai: por um lado vivendo como se tivesse o direito de se ver como sucessor, admitindo a morte do pai, e, por outro, como se o pai ainda vivesse e fosse dificultar e impedir todas as suas ações.

No texto *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924b), Freud afirma que o mundo da fantasia, como o jogo das crianças, constitui um campo no qual os desejos podem ser expressos em um faz de conta que impede a perda do contato com a realidade. Porém, é importante resgatar que, no campo do fetichismo, tal princípio não se aplica, uma vez que não existe essa dimensão metafórica do “como se fosse”. No fetichismo, o deslocamento é uma equação simbólica, mera substituição, que contém um grau de concretude,<sup>15</sup> pois o fetiche é indispensável para o fetichista, *ele é o falo da mãe*. Assim, nos fenômenos ligados à Recusa, há um comprometimento da função de simbolização que leva à perda do contato com a realidade psíquica, ou seja, com o significado emocional da experiência. Mas essa perda da realidade pode ser muito perigosa. Segundo Freud (1927), “à criança talvez fosse permitido o que traria sérios danos para o adulto” (p. 308).

No texto *Construções na análise* (1937b), Freud segue cotejando a relação entre os processos de defesa e a construção da realidade psíquica. O autor aborda uma manifestação clínica ligada à Recusa, que nos permite vislumbrar os efeitos dessa defesa e do fetichismo, envolvendo os processos de representação. Segundo o autor, no processo de análise, paciente e analista tecem construções hipotéticas sobre as experiências de um passado do qual o paciente não se recorda. Nesse trabalho de ficcionalização, pode emergir um material inconsciente que, para o paciente, aparece com grande nitidez, como uma representação muito clara, entretanto, absolutamente enigmática. Essa representação se impõe com força e insistência, mas não encontra ligação e sentido. Ele escreve:

---

15 Sobre o concreto, ver o capítulo “A Recusa primária e o trauma de Eros”.

*talvez seja uma característica geral da alucinação, até agora não devidamente apreciada, que nela retorne algo vivido na infância e depois esquecido, algo que a criança viu ou escutou num tempo em que mal podia falar, e que agora abre caminho até a consciência, provavelmente deformado e deslocado por efeito das forças que se opõem a tal retorno. (FREUD, 1937b, p. 341)*

Isso que emerge com nitidez é como uma marca deixada no psiquismo, aquém da verbalização, que passa a ser reavivada pelo trabalho de construções na análise. Com o retorno daquilo que foi recusado, essa representação foi formada, mas está desconectada das demais.

Nesse contexto, podemos compreender que o que Freud chamou de alucinação – no sentido do reinvestimento de uma marca pré-verbal – tem a mesma função do fetiche. O que ocorre nesse processo defensivo é a substituição de uma representação atual impensável e inadmissível por uma representação antiga, pré-verbal, que também tem esse caráter de “ainda não pensado”. O autor afirma:

*Os delírios dos doentes se apresentam, para mim, como equivalentes às construções que fazemos nos tratamentos analíticos, tentativas de explicação e recuperação que, nas condições da psicose, apenas podem levar a substituir o pedaço da realidade que é recusado no presente por outro pedaço que foi igualmente recusado numa época distante. A tarefa da investigação individual será desvendar as relações íntimas entre o material da recusa de agora e o da repressão daquele tempo. (FREUD, 1937b, p. 343)*

Portanto, a Recusa usa um elemento de realidade para ocultar um outro, ou seja, uma representação tão forte e indigesta é usada para distrair nosso olhar de outra imagem também intolerável. Da mesma forma como a alucinação é feita de representação, de percepção e de verdade, o fetiche também é produzido a partir de uma visão real. Mas na Recusa, esses registros da realidade são usados para desfazer a trama de sentidos, e não para esclarecê-la.

Nesse sentido, compreendemos o motivo pelo qual as representações que são alvo da Recusa são chamadas por Figueiredo (2008) de “pseudopercepções”, pois, em vez de levarem a um encadeamento de ligações, têm a função de interromper a marcha do psiquismo, da mesma forma como opera o fetiche. O conteúdo pré-verbal também advém de uma percepção, mas, na situação que analisamos, não permite o desenvolvimento de um pensamento, uma vez que nunca pôde ser processado pela mente infantil. Em um estado de representação que Figueiredo chama de “quase coisas”, esses elementos recusados têm uma precariedade simbólica, como as impressões pré-verbais registradas no aparelho psíquico.

Esses elementos nítidos e enigmáticos que Freud (1937b) descreveu nesse texto funcionam como a visão da medusa, impactante e paralisante. É essa a arquitetura do fetiche, um superinvestimento na percepção que antecede a visão dos genitais femininos, impedindo que o olhar se dirija para a representação traumática. Por isso, Figueiredo (2008) caracteriza o fetiche como um ultraobjeto: ele contém em si um excesso libidinal que visa fixar a atenção para que ela não avance em direção à descoberta impactante.

## *Fetichismo: um remendo à cisão do Eu*

A relação entre o fetichismo e a cisão do Eu só foi estabelecida posteriormente, nos textos *Compêndio de Psicanálise*<sup>16</sup> (1940[1938] a) e *A cisão do Eu no processo de defesa*<sup>17</sup> (1940[1938]b), nos quais Freud destaca a função do fetiche como formação de compromisso<sup>18</sup> entre as duas versões de realidade. Embora o primeiro seja inconcluso, e o segundo, incompleto, nesses textos o termo *Verleugnung* aparece de modo recorrente.

Em *A cisão do Eu no processo de defesa*, Freud não discrimina a reação masculina ou a feminina diante da percepção da diferença sexual: ele descreve uma situação em que a criança se vê dividida entre a demanda pulsional e um perigo anunciado pela realidade. A solução da criança é atender às duas exigências, mantendo a satisfação libidinal, mas assumindo a angústia frente à ameaça que enuncia a realidade: “Por um lado, rejeita a realidade, com o auxílio de determinados mecanismos, e não aceita nenhuma proibição; por outro lado, reconhece o perigo da realidade, admite a angústia diante dele como sintoma de sofrimento e procura então defender-se” (FREUD, 1940[1938]b, p. 346).

Nessa descrição, podemos vislumbrar a ação de dois mecanismos defensivos diferentes: um que age na corrente psíquica que não admite a realidade e outro naquela que admite. Segundo o

---

16 Segundo Paulo César de Souza, os editores alemães afirmam que este trabalho permaneceu incompleto e que alguns termos estavam abreviados, de modo que foram completados para publicação. Ele considera, entretanto, que o texto se encontrava ainda em estágio rudimentar. Segundo Strachey, trata-se de um texto inconcluso, mas não incompleto.

17 Segundo Strachey, este texto, sim, é considerado incompleto.

18 O termo “formação de compromisso” se refere a manifestações do inconsciente que revelam o embate de forças entre o desejo e a defesa; fazem parte dos esforços do psiquismo para manter algum equilíbrio.

autor, “O êxito foi alcançado ao preço de uma fissura no Eu que não se curará jamais e que aumentará com o tempo. As duas reações opostas ao conflito prosseguem existindo como núcleo de uma cisão do Eu” (FREUD, 1940[1938]b, p. 347).

Nesse texto, fica claro que a angústia de castração teve influência no psiquismo, mesmo perante a Recusa, levando inclusive à formação de sintomas. Isso se evidencia no caso relatado por Freud em que um menino de 3 anos de idade, cuja masturbação foi ameaçada com o castigo de castração, criou um fetiche, recusando a realidade da punição e, assim, salvando o próprio pênis. Esse menino, no entanto, continuou com medo de ser castigado e devorado pelo pai e temendo ter os dedos mínimos tocados. Portanto, o fetiche não é totalmente eficiente em sua função de livrar da angústia de castração.

Em *Compêndio de Psicanálise* (1940[1938]a), Freud explicita que o fetiche não é uma consequência da cisão do Eu, mas uma formação de compromisso, e que essa alteração do Eu é resultante da Recusa. O fetichismo, portanto, pode ser compreendido como um esforço do Eu para tentar remendar-se no ponto em que se encontra uma ruptura devida à falha de simbolização gerada por essa atitude ambígua diante da castração. Penot (1992) comenta Freud quando diz que:

*Ele julga que este,<sup>19</sup> bastante frequentemente, consegue assegurar aos pacientes em questão uma suficiente proteção (narcísica), que permite evitar-lhes o agravamento das consequências da clivagem de seu ego, em sua relação com a realidade. Portanto, o fetiche poderia constituir uma neo-proteção, mais eficiente do que a construção delirante; em uma certa medida, o fetiche*

---

19 O fetiche.

*se mostra capaz de obturar a falha criada, no jogo simbólico, pela recusa (e abolição significativa que ela perpetua). (p. 27)*

A cisão do Eu pode ser pensada como um rasgo nas tramas de um tecido, quando uma ponta se prende a uma engrenagem e a outra se engancha em uma roldana, uma girando no sentido oposto da outra. Entretanto, Penot (1992) enfatiza que as duas correntes psíquicas não se encontram em conflito como na Repressão, em que certo grau de tensão é tolerado; pelo contrário, apesar de ambas serem formadas por representações e serem parte do mundo interno, a Recusa faz com que uma trate a outra como se fosse a realidade externa.

Nesse texto, Freud (1940[1938]a) generaliza a presença de uma cisão do Eu nas psicoses, nas neuroses, nas perversões e no fetichismo, destacando que esta dupla atitude ante o conflito pulsional e a realidade estará presente em todas as formas de subjetivação. Segundo o autor, “O modo de ver que postula a existência de uma *cisão do Eu* em todas as psicoses não mereceria tanta atenção se não se revelasse pertinente para outros estados mais semelhantes às neuroses e, por fim, para elas mesmas. Disso me convenci primeiramente nos casos de *fetichismo*” (FREUD, 1940[1938]a, p. 267, grifos do autor).

Para Freud, a diferença entre a cisão do Eu nas neuroses e no fetichismo é de ordem estrutural e tópica: se o conflito na neurose é entre Eu e Id, na Recusa o campo de batalha é o próprio Eu. A questão é que a sustentação de um conflito psíquico demanda tolerância a altos níveis de tensão – quando ultrapassam o limite, a função da Recusa é evitar que a angústia seja despertada e, assim, a defesa reduz a tensão e evita a sobrecarga do aparelho psíquico. Mas para isso, o Eu se deixa dilacerar pelas forças que estavam

duelando: as demandas vorazes do Id e as ameaças do mundo exterior. É importante ter em mente que o Eu tende a essas duas direções porque ambas trazem notícias de perigos, uma vez que o Id ameaça o psiquismo de transbordamento pulsional, enquanto o mundo externo sinaliza a ameaça de castração.

Porém, é justamente esta atitude dupla da Recusa que leva à cisão do Eu, afirma Freud. Ora, se a ruptura com a realidade (tanto a interna quanto a externa) fosse absoluta, não haveria um confronto entre correntes psíquicas. Mas na Recusa, sempre há um reconhecimento e uma não admissão. Segundo o autor, mesmo na psicose não há um desligamento completo do mundo externo.

Chegamos, finalmente, às trilhas que nos permitirão discernir as manifestações clínicas da Recusa daquelas do recalçamento. O sintoma neurótico, como solução de compromisso, manifesta um conflito entre a censura e o desejo, ou seja, entre instâncias psíquicas, em que o aspecto simbólico permite a expressão do retorno do reprimido, porém com deformações produzidas pela defesa. Por sua vez, as manifestações clínicas da Recusa dizem respeito a uma oposição de forças dentro de uma mesma instância psíquica. Essa distinção traz implicações clínicas muito importantes, que estabelecem alguns parâmetros diferentes para a escuta e a intervenção ante a Recusa, mesmo nos casos de neurose.

## A ilha do medo (*SCORCESE, 2010*)

O filme ilustra uma das manifestações da Recusa mais facilmente identificada entre leigos, envolvendo delírios e uma blindagem muito resistente e asfíxiante. Mas, ao mesmo tempo, nos coloca na pista da complexidade e das diversas ramificações



clínicas e teóricas que desvela o conceito de Recusa a respeito da realidade psíquica.

O personagem central do filme é Teddy Daniels, um agente federal que vai a Shutter Island, junto com Chuck Aule, seu assistente, para investigar o desaparecimento de uma paciente do hospital psiquiátrico localizado lá. Ao inspecionar o quarto da fugitiva, Rachel Solando, Teddy encontra um bilhete dizendo “regra dos 4, quem é o 67?”. Rapidamente, ele matou a charada: escutou a conversa da equipe médica contabilizando 66 pacientes na instituição e, portanto, conclui que haveria ainda um 67º paciente, que não estava no registro oficial.

Logo se estabelece um clima tenso entre Teddy e os funcionários do hospital, e ele suspeita que tenham colaborado com a fuga de Rachel Solando, especialmente dr. Cawley, que se recusou a disponibilizar os arquivos sobre a equipe técnica da instituição. Esse psiquiatra conta que Rachel havia matado os três filhos afogando-os no rio, mas agia como se nada tivesse acontecido e como se ela ainda morasse na própria casa. Segundo os médicos, Rachel não admitia o que fizera e criara uma neorrealidade em que atribuía papéis a todos os funcionários da instituição, como se fossem personagens da vida que ela tinha antes: o porteiro, o carteiro, o leiteiro.

Mais adiante, Teddy confessa a Chuck que sua vinda à ilha tinha segundas intenções: ele está em busca de outro prisioneiro, Andrew Laeddis, o zelador que havia incendiado o edifício em que Teddy morara com a esposa, Dolores. Segundo Teddy, ela não sobreviveu à tragédia. Em seguida, ele diz que um fugitivo de Shutter Island lhe contou que estavam praticando lobotomia nos pacientes como parte de uma conspiração do governo americano. Surpreso, Chuck o interpela: será que Teddy não foi trazido de propósito para a ilha como um plano do governo para enlouquecê-lo e,

assim, torná-lo um dos prisioneiros desacreditados? Será que Teddy está em uma armadilha? É assim que o diretor dá uma guinada na perspectiva dos fatos e perturba de modo radical o nosso senso de realidade, como Chuck faz com Teddy, e temos dificuldade de entender se a persecutoriedade da trama é real ou paranoica.

Conforme sua busca avança, Teddy começa a ter enxaquecas, alucinações visuais e pesadelos, que condensam vários temas: Rachel Solando e as crianças afogadas, a morte de Dolores, cadáveres amontoados em um campo de concentração nazista e a imagem de si mesmo metralhando os soldados a sangue frio. Sem dúvida, o psiquismo de Teddy estava se revolvendo, perturbado pelo mal-estar da ilha, que cutucava seu inconsciente.

A situação nos remete a algo que Freud descreve em *Construções na análise* (1937b). Por vezes, o avanço do trabalho analítico atrai novos elementos e faz emergir um material inconsciente que, para o paciente, tem grande nitidez, mas continua embebido de um enigma, pois não encontra ligação nem sentido. O autor afirma que:

*talvez seja uma característica geral da alucinação, até agora não devidamente apreciada, que nela retorne algo vivido na infância e depois esquecido, algo que a criança viu ou escutou num tempo em que mal podia falar, e que agora abre caminho até a consciência, provavelmente deformado e deslocado por efeito das forças que se opõem a tal retorno. (FREUD, 1937b, p. 341)*

Porém, uma representação fidedigna da realidade histórica é absolutamente inassimilável enquanto está em estado bruto. É o que lhe confere tanta nitidez, mas que também desperta um

sentimento inquietante, como na vivência de *Unheimliche*:<sup>20</sup> trata-se de um elemento estranho e familiar ao mesmo tempo. É assim que as representações que foram alvo da Recusa emergem; mas, para não despertar um novo movimento defensivo, é preciso criar condições para integrar este estrangeiro, seja qual for sua origem.

No caso de Teddy, esses elementos dispersos não contam a que vieram e carecem ser inseridos em uma trama de sentidos. Não sabemos a história dele, mas estas produções inconscientes do personagem dão indícios do que aconteceu em seu mundo interno enquanto experiência emocional: comunicam afetos envolvendo culpa, violência, perdas e lutos mal elaborados.

Quando Teddy chega ao farol da ilha, onde suspeitava que faziam os procedimentos de lobotomia, ele encontra o dr. Cawley. Este lhe diz que não há mais tempo, é hora de admitir a realidade, e indica uma lousa em que está escrito: Andrew Laeddis – Teddy Daniels, Rachel Solando – Dolores Chanal. O médico explica que esta é a regra dos 4: esses nomes são anagramas que conjugam e separam a identidade do paciente 67 como uma forma sofisticada de defesa.

Segundo o psiquiatra, Teddy Daniels é Andrew Laeddis, o paciente mais perigoso da instituição, que estava sendo alvo de uma experiência radical de *role play*.<sup>21</sup> Dolores, sua esposa, sofria de uma doença mental muito séria, mas Andrew não o admitia, mesmo após ela ter incendiado o apartamento em que moravam e dito que havia um inseto morando em sua cabeça, puxando os fios de sua mente. Dolores sobreviveu ao incêndio, mas a Recusa de Andrew persistiu, até que um dia ele voltou para casa após o

---

20 Tema do capítulo “Recusa e *Unheimliche*: a inquietante estranheza”.

21 Trata-se de uma técnica usada no psicodrama em que os participantes assumem papéis, com em uma peça de teatro, favorecendo a representação e a elaboração dos dramas pessoais e o desenvolvimento da empatia.

trabalho e encontrou a esposa ensopada da água do rio, onde ela mesma havia afogado os três filhos do casal. Tomado pelos afetos insuportáveis, ele atirou nela, e por isso estava internado em Shutter Island.

Concretizando o delírio do paciente, dr. Cawley esperava que ele pudesse admitir a realidade e dissolver a Recusa e, por um momento, Andrew parece entrar em contato com sua realidade psíquica: emociona-se e declara-se culpado pela morte dos filhos, uma vez que fechou os olhos para a loucura da esposa. Mas logo depois, o delírio volta a se instalar, e a equipe médica decide prosseguir com a lobotomia de Andrew, pois ele se tornara um paciente muito perigoso e violento, refratário à medicação e a qualquer tratamento.

Mas, afinal, do que a Recusa de Andrew o defendia? Ele carregava uma enorme culpa por não ter admitido a insanidade da esposa, responsabilizava-se pelo incêndio que ela havia causado (por isso, em seu delírio, Laeddis era o culpado) e pela morte dos filhos. A Recusa já era o principal mecanismo de defesa de Andrew, antes mesmo de toda essa tragédia. Sentindo-se um monstro, ele criou uma neorrealidade na qual assume o papel de justiceiro, expressando até desprezo pelos pacientes da instituição, que, como ele, eram criminosos acometidos de doença mental.

Podemos esboçar o motivo que sustentava a Recusa de Andrew em relação a Dolores. Em sua ficha, consta que ele participou da libertação dos campos de Dachau, mas não havia comprovação de que matara algum nazista. Não sabemos quais poderosos sentimentos a experiência de guerra despertou, mas podemos pensar que Andrew se defrontou com a terrível violência do ser humano, e até mesmo com um desejo de vingança contra os nazistas.

No entanto, alerta-nos Hannah Arendt (1999), a violência habita cada um de nós, essa é a banalidade do mal. Diversos

personagens do filme descrevem Andrew como um “homem de violência”, o que ele contestava e ao mesmo tempo admitia. Se a Recusa pretendia desligá-lo de sua realidade psíquica, em que se via como um monstro, talvez seja por isso que não tenha podido se separar de Dolores, pois, apesar de sua loucura, ela oferecia um amor enorme e idealizado que compensava a violência que o habitava.

Rachel Solando nunca existiu, ela era parte do delírio de Andrew e representava o vínculo adoecido entre ele e Dolores.<sup>22</sup> À semelhança do fetiche, a figura de Rachel Solando sustenta uma equação simbólica entre Dolores e Andrew: Rachel matou os três filhos, assim como Andrew se via como o autor do assassinato dos próprios filhos, em uma identificação melancólica com Dolores. Assim, a loucura atribuída a Rachel Solando era a dele: Andrew não admitia o que fizera e vivia na ilha como se fosse um visitante que, de dentro de seu delírio, atribuía um papel aos médicos, funcionários e pacientes.

Como um filme de suspense, o objetivo de *A ilha do medo* é nos pegar de sobressalto e, por isso, não se aprofunda tanto no sofrimento psíquico do personagem. Apesar do absurdo da abordagem clínica ficcional que o filme nos apresenta, é justamente o seu fracasso que nos convoca a refletir sobre a natureza da Recusa da realidade.

Em primeiro lugar, tal experiência seria uma irresponsabilidade enorme da instituição, que joga perigosamente com o senso de realidade de Andrew e de todos os outros pacientes da ilha, que são forçados a compactuar com uma mentira, afinal, a encenação criada está longe de ser terapêutica. Em um enquadre ético, a participação no *role play* é voluntária e temporária; recordemos que o

---

22 No filme, dr. Cawley apenas estabelece o paralelo entre Rachel e Dolores, sem abordar esta perspectiva da identificação melancólica de Andrew.

campo da transicionalidade permite o *nonsense*, mas sempre com um pé no chão, em que tudo *é e não é* real.<sup>23</sup> Por sua vez, concretizar uma experiência como em *Shutter Island* levaria a um maior enlouquecimento, e não à admissão da realidade.

O principal aqui é que a intervenção dos psiquiatras do filme parte de um equívoco fundamental a respeito da Recusa como mecanismo de defesa. Quando Freud (1937b) afirma que todo delírio tem um fundo de verdade histórica, isso não quer dizer que o alvo da Recusa seja a realidade objetiva, e sim a realidade psíquica. O que é insuportável é o impacto emocional das conclusões às quais Andrew chegou quanto à tragédia que viveu: “é tudo culpa minha, eu matei meus filhos”, ele diz.

Segundo Freud (1925a), no psiquismo nada se apaga, tudo deixa marcas. Ele afirma: “a existência da representação já é uma garantia da realidade do representado” (p. 279). No entanto, precisamos recordar que a realidade não é formada apenas de percepções, mas sobretudo da relação entre elas. Portanto, entre os aspectos da realidade material, da realidade psíquica e da verdade histórica, o analista deverá possibilitar a criação de um espaço para a ficcionalização desses elementos. Assim, o importante não é recuperar a origem do elemento de verdade histórica do delírio, mas combinar essa figura com outras, para dar uma nova forma ao todo.

Figueiredo nos permite mais um aprofundamento sobre essa questão envolvendo a realidade e o processo perceptivo. O autor opta pelo termo “desautorização” para traduzir *Verleugnung*, termo que se refere à “interrupção de um processo pela eliminação da *eficácia transitiva* de um dos seus elos” (FIGUEIREDO, 2008, p. 59, grifos do autor). Ele compreende que a Recusa não anula a

---

23 Sobre o aspecto transicional do enquadre psicanalítico, ver o capítulo “O analista, a Recusa e o enquadre”.

representação de uma percepção nem seu significado, mas atua sobre a possibilidade de ela estabelecer conexões na cadeia psíquica.

Segundo o autor, o processo perceptivo acompanha um movimento de abertura e fechamento de uma rede de sentidos, como um momento de *Gestalt* e outro de anti-*Gestalt*. Há uma etapa de formação de figura e atribuição de significado a partir da organização de diversos elementos psíquicos, e um outro instante em que essa estabilidade é perturbada para a inclusão de novos elementos, abrindo-se para a formação de outras composições. É precisamente essa disponibilidade de desorganização e reorganização que é afetada pela Recusa, mantendo o fechamento da *Gestalt* e causando seu enrijecimento. É essa clausura psíquica que faz com que o delírio e as crenças irracionais sejam tão persistentes.

Mas é preciso recordar que o delírio é uma formação de compromisso e, da mesma forma que o fetiche, tem a função de remendar a cisão do Eu (FREUD, 1940[1938]a) e afastar a angústia. Portanto, essa outra realidade que Andrew criou não deve ser combatida, ela não é a causa do adoecimento psíquico, mas sim uma tentativa de cura. Contudo, ao final do filme, vemos que ele continua isolado em sua ilha de medo: embora seja muito sofisticado, seu delírio não impede que ele sofra e que viva constantemente ameaçado.

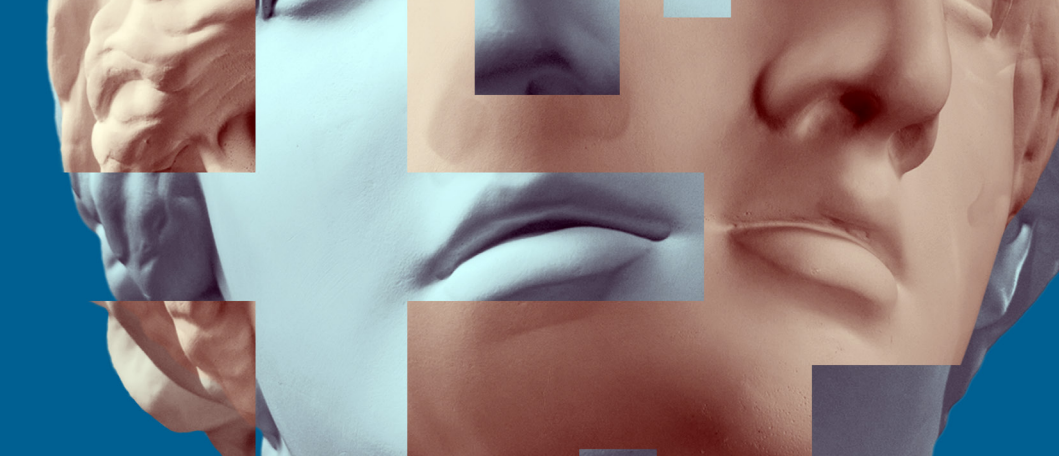
No final da trama, descobrimos que o assistente de Teddy, Chuck, era na verdade o terapeuta de Andrew, que o tratava há mais de 2 anos, dr. Sheehan. Quando entrega a seu paciente o seu próprio prontuário, dr. Sheehan faz uma aposta no poder dos dados objetivos da percepção, e não na construção de significados. Assim, ele perde a chance de conversar com Andrew na pele de Teddy e costurar a cisão do Eu do paciente. Este é o engano da abordagem terapêutica dos psiquiatras do filme: eles bombardeiam Andrew com percepções, fatos e cenários que contêm um fundo de

verdade histórica, mas em momento algum criam um campo para conter e elaborar os afetos suscitados, nem para abordar o medo da loucura que tão claramente tomava o paciente.

Portanto, quando falamos que o psicanalista deve acolher a loucura pessoal (Green, 1979a) do paciente, não se trata apenas de não contestar o delírio, mas também de tomá-lo como expressão do inconsciente não recalcado. Mergulhar na realidade psíquica significa adentrar os coloridos afetivos do mundo interno. É aí que jazem os conteúdos impensáveis, inadmissíveis, insuportáveis, indizíveis, inconfessáveis. Sobretudo, não se trata de explicitá-los ao paciente, como faz dr. Cawley com Andrew no final do filme: “você sente culpa e por isso não admite a realidade”. De jeito nenhum. Trata-se de criar um espaço psíquico em que se possa sentir e pensar sobre os avessos, medos, sonhos, delírios e pesadelos.

Esta é a última fala de Andrew, antes de se render à lobotomia: “O que é pior? Viver como um monstro ou morrer como um homem bom?”. Eu teria vontade de dizer a Andrew como é difícil para todos nós, humanos, encarar que somos todos um pouco monstros e um pouco homens bons, todos temos um tanto de médico e de louco. Uma dose de Recusa está presente em todos nós.





*Dimensões da Recusa* é uma das mais bem sucedidas pesquisas teórico-clínicas sobre um tema central e atual da psicanálise freudiana e pós-freudiana. Há aqui uma extensa e detalhada revisão da literatura psicanalítica e vasto material clínico, incluindo casos atendidos pela autora e por outros analistas, além de ricas análises de filmes. Tudo muito bem-organizado e apresentado de forma clara e elegante: é um livro bom de ler.

Além de ser um estudo de grande relevância no plano metapsicológico, apoiado em Freud e inúmeros seguidores criativos, é também extremamente oportuno, pois boa parte da clínica contemporânea precisa considerar adoecimentos psíquicos em que o mecanismo estruturante e defensivo da recusa opera fortemente.

Este livro é uma referência indispensável nos estudos psicanalíticos e seria bom que fosse lido por todos os que estudam e praticam a psicanálise.

*Luís Claudio Figueiredo*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-155-0



9 786555 061550



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Dimensões da Recusa

---

**Vanessa Chreim**

ISBN: 9786555061550

Páginas: 352

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021

---